



A Comunicação Poética na Era Digital: Pessoa e a Literatura Eletrônica

Poetic Communication in the Digital Age: Pessoa and Electronic Literature

Rui Torres^(a)

^a UFP – Universidade Fernando Pessoa; ICNOVA – Instituto de Comunicação da NOVA –
rtorres@ufp.edu.pt

Resumo: Este artigo explora as interseções entre a obra poética de Fernando Pessoa e a literatura eletrônica, enfatizando o papel da tecnologia na reimaginação do seu legado literário. Reflete-se sobre a prática de integrar diversas tecnologias na criação poética, desde a multimídia e interatividade até aos diálogos com a inteligência artificial. Aborda-se a importância de revisitar obras clássicas, como as de Pessoa, utilizando ferramentas digitais para expandir a experiência de leitura. A literatura eletrônica é vista como um campo emergente que permite novas formas de expressão e interação, transformando a leitura numa experiência multidimensional. Discutem-se as vantagens de aproximações experimentais e criativas, as quais homenageiam, e ao mesmo tempo revitalizam, obras literárias preexistentes. A obra de Pessoa é apresentada como protodigital, variada e modular, alinhada com as práticas da literatura eletrônica, uma vez que explora a fragmentação da identidade e a multiplicidade de vozes. Conclui-se que a literatura eletrônica oferece novas perspectivas e métodos didáticos para entender a obra de Pessoa, promovendo formas de releitura crítica.

Palavras-chave: Literatura eletrônica. Fernando Pessoa. Investigação Criativa. Remediação.

Abstract: This article explores the intersections between the poetic works of Fernando Pessoa and electronic literature, emphasizing the role of technology in reimagining his literary legacy. It reflects on the practice of integrating various technologies into poetic creation, from multimedia and interactivity to dialogues with artificial intelligence. The importance of revisiting classic works, such as those of Pessoa, using digital tools to expand the reading experience is addressed. Electronic literature is seen as an emerging field that allows for new forms of expression and interaction, transforming reading into a multidimensional experience. The advantages of experimental and creative approaches, which both honor and revitalize preexisting literary works, are discussed. Pessoa's work is presented as proto-digital, varied, and modular, aligned with the practices of electronic literature as it explores the fragmentation of identity and multiplicity of voices. It is concluded that electronic literature offers new perspectives and didactic methods for understanding Pessoa's work, promoting forms of critical rereading.

Keywords: Electronic literature. Fernando Pessoa. Creative Research. Remediation.

Introdução

O objetivo deste artigo é explorar os horizontes da literatura eletrónica, realçando o modo como a obra de Fernando Pessoa se entrelaça com alguns princípios da literatura eletrónica, e assim destacando o papel da tecnologia na reimaginação da sua herança literária. O texto apresenta e discute um conjunto de obras realizadas nos últimos anos que cruzam a literatura e a tecnologia.

Trabalho com tecnologias diversas, em vários contextos, no âmbito da criação poética, tendo programado obras que exploram o potencial da multimédia, hipertextualidade, interatividade e combinatória. Além disso, criei também objetos com fragmentos impressos de código de diversas linguagens de programação, apropriados e adaptados para inclusão de poesia, tendo nesse contexto colado poemas em bancos de jardins e desenhado almofadas para museus.¹ Recentemente, impulsionado pelas vantagens dos diálogos com ferramentas de Inteligência Artificial, tenho respondido a vários convites para visitar obras literárias de vários autores, nos quais se inclui Fernando Pessoa, a convite da série de seminários online Pessoa 3.0.

O meu trabalho é, por um lado, académico e científico (sou investigador com pesquisa em comunicação), e, por outro, criativo e experimental. Criativo no sentido em que não me preocupo (demasiado) com a relevância ou encaixe dos resultados; experimental porque me interessam os processos, sem ter de os documentar.

¹ No meu website estão disponíveis descrições e ligações para todas as minhas obras de literatura eletrónica, cujo código é aberto e de reutilização livre: <https://telepoesis.net/poesias.html>.

Esta abordagem propicia diálogos entre arte e tecnologia, cultura e ciência. Como poeta digital e programador de obras criativas, questiono, de forma criativa, o código. Como investigador, trabalho com o pensamento crítico, interrogando os códigos, também, mas de um modo lógico. Embora estas duas facetas possam parecer mundos à parte, creio que elas se complementam e enriquecem mutuamente. A investigação informa a prática, a prática ilumina a investigação, e este entrelaçamento amplia os limites da arte e da ciência.

*Amor de Clarice*², a minha primeira obra de poesia digital, demorou seis anos a completar, tendo a sua primeira versão “jogável”, programada com o Macromedia Flash 3.0, sido completada em 1999. Esta obra trazia consigo um desejo e uma inquietação: refletir sobre a crítica literária como possibilidade de expansão da ambiguidade textual, através do diálogo direto com os textos, reconhecendo a sua instabilidade e a sua natureza inacabada (Torres, 2004).

Alinhado com a poesia experimental, que se alimenta por, e transforma, obras preexistentes – a plagiotropia ou culturmorfologia propostas por Haroldo de Campos (Campos, 2005) – quis com esta obra transformar a leitura numa experiência multidimensional. Cada clique desdobraria novas camadas de significado, incentivando uma exploração mais profunda e pessoal das possibilidades narrativas.

A utilização de ligações, animações e escolhas conduzia o leitor por um labirinto de interpretações, onde a ambiguidade deixa de ser um obstáculo e passa a ser uma ponte para múltiplas experiências de leitura, cada uma

² *Amor de Clarice* (Chapel Hill e Porto, 1999-2005). Texto de Rui Torres a partir de “Amor”, de Clarice Lispector. Poesia animada por computador, interativa, com som e vídeo. Rui Torres (Flash/AS), Carlos Morgado (música), Luis Aly (som), Ana Carvalho (vídeo), Nuno M Cardoso (voz). Versão Flash restaurada pelo Electronic Literature Lab com Conifer disponível em [https://conifer.rhizome.org/elo/amor-de-clarice/20210426193650\\$br:chrome:76/http://www.amordeclarice.com/amordeclarice/index.html](https://conifer.rhizome.org/elo/amor-de-clarice/20210426193650$br:chrome:76/http://www.amordeclarice.com/amordeclarice/index.html)

revelando facetas distintas e, por vezes, contraditórias, da narrativa. Esse foi, frequentemente, o foco da minha relação intertextual com outros autores: Clarice Lispector, primeiro; Fernando Pessoa, depois; e ainda: António Ramos Rosa, Al Berto, Salette Tavares, Herberto Helder, Raul Brandão, Sophia de Mello Breyner, Abílio-José Santos, Ana Hatherly, Antero de Alda, José-Alberto Marques, Pedro Barbosa, Ernesto de Melo e Castro, António Aragão, Florbela Espanca...

Esta data, 1999, reporta ao episódio do “Bug do Milénio”, o Y2K, que mostrou a profunda dependência das sociedades modernas em relação à tecnologia informática, assim como a necessidade de práticas de programação que considerassem a longevidade e a sustentabilidade dos sistemas. E, efetivamente, a leitura e a obsolescência, a legibilidade e a ilegibilidade, sempre acompanharam as minhas obras.

Hoje, embora a obsolescência continue a exigir uma incómoda permanente atualização, também acredito que pode gerar consequências benéficas: impulsiona a inovação e o desenvolvimento de tecnologias mais eficientes e sustentáveis; permite incorporar melhorias em termos de utilização de materiais com menos impacto ambiental; incentiva o desenvolvimento de modelos de pensamento baseados na reutilização e na reciclagem.

As obras nas quais uso vocabulário de Pessoa, resumem esse esforço permanente para manter uma obra viva. Durante os anos iniciais da pandemia de Covid-19, entre 2019 e 2022, vi-me obrigado a revisitar e atualizar todas as minhas obras previamente programadas em Flash, uma plataforma que começou a tornar-se obsoleta em 2017 e foi descontinuada no final de 2020. Esse processo não só me permitiu identificar e corrigir vários problemas, que, entretanto, consegui identificar, como também me motivou a aprimorar o estilo, adicionar

novas funcionalidades, e adaptar o design para tornar as obras acessíveis em dispositivos móveis, entre outras melhorias.

Uma ressurreição, portanto, ou assim a entendia Herberto Helder, ainda que num contexto diverso, mas aplicável aqui. No seu ensaio “Memória. Montagem”, o poeta define a montagem como a “cuidada maneira de receber a memória, assistir à ressurreição do que foi morrendo, e morre, e vai morrer” (Helder, 1977, p. 11).

Há 25 anos, portanto, que integro a tecnologia de forma criativa na minha poesia digital, transformando-a num componente chave que enriquece e redefine a expressão dos textos que analiso e reinterpreto. Este trabalho destaca-se pela remediação de obras anteriores, abordando-as não apenas como homenagem, mas também procurando o seu aprimoramento, expansão, transformação e revitalização, incluindo as minhas próprias criações.

E por que razão me interesso, ainda, pela literatura eletrónica? O que nela considero particularmente interessante ou convincente? Nesta minha trajetória de exploração experimental, encontrei na literatura eletrónica uma área emergente e cheia de potencialidades, que não só ecoa o meu interesse pela exploração das fronteiras tecnológicas e artísticas, como também me desafia a reconsiderar a relação entre texto e leitor no ambiente digital.

Ao mergulharmos neste domínio, percebemos que as ferramentas e métodos da literatura eletrónica podem fornecer novas lentes através das quais experienciamos e interpretamos a obra de vários autores, Fernando Pessoa incluído. A literatura eletrónica situa-se na intersecção entre tecnologia e textualidade, e assim abre novas vias para a expressão literária. Com os seus 75 anos, é ainda uma (in)disciplina: emergente, instável, sem preconceitos, oportunidade para a autoavaliação e a autocrítica.

Por outro lado, resultando de uma integração de arte e tecnologia, lida com a partilha, e, cruzando diferentes campos e atravessando diversas disciplinas e meios, é o território ideal para explorar novos métodos didáticos e críticos sobre a nossa cultura mediática. É, por isso, uma possível estratégia de literacia mediática e digital, forçando-nos a atuar de forma crítica e responsável, uma vez que lida com temas complexos e promove um pensamento sistémico, facilitando a contextualização cultural das redes sociais, dos algoritmos, do tecno-capitalismo e do imperialismo das plataformas.

Num tempo de ferramentas automáticas que assombram o futuro da humanidade, a literatura eletrónica, sem as recluir, constitui prática que entende e viabiliza as humanidades e as artes digitais. O seu papel e a sua função neste pós-humanismo aventureiro, inseguro, arrojado e arriscado parecem-me, por tudo isto, cruciais e indispensáveis.

Pessoa 3.0

Porquê Pessoa? Antes de mais, devo clarificar que sou “apenas” um leitor de Pessoa. Não possuo a arrogância nem o equívoco de me considerar um especialista em Pessoa. Mas observo o mundo, e verifico, por exemplo, que o acesso facilitado aos manuscritos de Pessoa, desde o final do século passado, permitiu aos estudos pessoanos uma evolução, expansão e diversificação significativas.

Também eu, leitor e remediador, lido e dependo de *corpora* literários acessíveis. A disponibilidade da obra de Pessoa, em sintonia com a descoberta de tantos textos inéditos, tem sido um acontecimento recorrente que enriquece e redefine a compreensão da sua obra. É nesse contexto que surgem certas abordagens críticas, incidindo sobre estudos de género, teoria queer e estudos pós-coloniais. Sinto-me motivado por estas revisitações, por estes processos de releitura, reposicionamento e leituras centrífugas.

José Augusto Mourão referiu-se à minha obra como se tratando de um “[t]rabalho crítico, político (...). Prática do dissenso (...) Contra o regime da mediação representativa” (Mourão, 2010). Também um Fernando Pessoa “estranho” (o Virgem Negra) me interessa porque abre espaços de ação, suscita descobrir heteronímias imaginárias, facetas desconhecidas de um projeto literário inacabado, motivando a reinvenção das obras por publicar, as quais podemos simular, através de novas abordagens filosóficas, esotéricas, místicas. A “prática do dissenso” referida por Mourão está em sintonia com Pessoa, autor versátil, autor cuja obra permanece em evolução. Fernando Pessoa está longe de ser obsoleto: a sua obra é um testemunho da constante transformação e evolução da própria textualidade e da literatura.

Assim visto, Pessoa é protodigital, variável e modular. A sua obra e a sua personalidade estão em sintonia com a literatura eletrônica anteriormente descrita: a criação de heterónimos como reinvenção do conceito de autoria; a multiplicidade de vozes como laboratório de experimentação textual; os diálogos com diversas áreas do conhecimento como interdisciplinaridade; a abordagem de questões existenciais e atemporais como interferência nos problemas do nosso tempo; a influência em outros escritores, artistas e pensadores, como geração permanente de ideias e formas de expressão.

A literatura eletrônica promove uma estética do cuidado e da curadoria, implementando métodos de leitura atenta. Poderá essa estética ajudar-nos a expandir uma visão aberta e um estudo radial da obra de Pessoa? Pessoa 3.0, portanto, aparece como homenagem a um autor que ainda levanta problemas e ainda faz perguntas, como tributo a um autor cuja obra se desdobra e fragmenta, cujo estado e estatuto são os da metamorfose e da instabilidade.

As minhas recriações digitais exploram, por um lado, a intersecção entre literatura, tecnologia e arte; e, por outro, demonstram como as obras de autores clássicos podem ser reimaginadas e vivenciadas de novas formas. A escolha que fiz, em *1 Corvo Nunca +*³, de utilizar “O Corvo”, de Edgar Allan Poe, na tradução feita por Fernando Pessoa, não é um mero detalhe. Esta confluência entre a obra de Poe, a tradução de Pessoa, e a sua reimaginação e pulverização através da multimodalidade e da combinatória, oferece uma camada adicional de profundidade à experiência da tradução original.

O que significa, afinal, traduzir um texto? Trair? Ato de subversão criativa? Exercício de equilíbrio entre a aderência e a autonomia, desafiando a noção de fidelidade textual? Ou, ao invés, gesto de renovação, coautoria, infidelidade que se torna homenagem e independência?

Fernando Pessoa, com a sua habilidade de tradução e com o seu talento poético, conseguiu, através da sua tradução, capturar a essência e o estilo gótico do poema original, adicionando, ao mesmo tempo, a sua própria perspectiva literária. Ora, estou seguro de que também tento fazer isso nos meus poemas digitais: traduzir e capturar a essência de Sophia, Abílio, Helder, Lispector e Pessoa. Tradução como exploração intertextual e reinterpretção criativa, dentro do meio digital.

1 corvo nunca + parece-me, assim, um bom exemplo de como a literatura digital pode dialogar com a tradição literária, criando novas formas de experiência e interpretação textual. Em linha com Pessoa 3.0 – com Pessoa protodigital – reconhecendo, em Pessoa, características experimentais e lúdicas. Não entranhar Pessoa, mas estranhá-lo.

³ *1 corvo nunca mais* (Porto, 2020). Motor textual, a partir da tradução de Fernando Pessoa de “O Corvo”, da autoria de Edgar A. Poe. Rui Torres (xml, html), Luís Aly (som), Nuno M. Cardoso (voz). Poemas originalmente programados em Flash/ActionScript (Porto, 2009), recriados em 2020 com o poemario.js (Torres e Ferreira, 2014-24). Disponível em https://telepoesis.net/pessoa_js.

A criação de heterónimos por Fernando Pessoa prefigura, seguramente, a fragmentação de identidade que a literatura eletrónica explora através de avatares e narradores múltiplos, sugerindo uma afinidade conceptual entre as suas práticas e a multiplicidade de vozes que a tecnologia digital permite orquestrar numa única obra. Os heterónimos de Pessoa ampliam, assim, a noção de autoria. Mesmo sem recorrer à tecnologia, ilustram como estratégias narrativas analógicas podem antecipar dinâmicas literárias em ambientes digitais.

Ao incorporar elementos do léxico de Fernando Pessoa em certas obras, tentei explorar esta proliferação de vozes, através do entrelaçamento de diferentes universos poéticos. Obras como *brin cadeiras*⁴ resultam de uma reflexão sobre a forma como as tecnologias podem servir de ponte entre diferentes épocas literárias, permitindo uma reinterpretação e reavaliação das obras clássicas (neste caso, poemas experimentais de Salette Tavares), mas também entre diferentes cantos, mesmo que dissonantes, em linha com o *Outrora Agora* enunciado por Augusto Abelaira, e retomado por Maria dos Prazeres Gomes (1993), uma autora que muito influenciou o meu pensamento.

A utilização do léxico fragmentado de Pessoa, nesta reescrita lúdica de Salette Tavares, realça, por um lado, a atemporalidade e a universalidade da obra de ambos os autores, promovendo, ao mesmo tempo, um diálogo entre passado e presente, tradição e inovação. Estas obras transcendem fronteiras literárias e temporais, oferecendo aos leitores a possibilidade de compreender as ligações entre diferentes autores e tradições poéticas. São o testemunho da relevância de Fernando Pessoa no panorama literário, bem como da criatividade e do potencial inovador da literatura eletrónica.

⁴ *brin cadeiras* (Porto, 2020). Motor textual com som, a partir de textos de Salette Tavares e léxico de Salette Tavares e Fernando Pessoa. Rui Torres (xml, html), Américo Rodrigues (voz). Poemas originalmente programados em Flash/ActionScript (Porto, 2010), recriados em 2020 com o poemario.js (Torres e Ferreira, 2014-24). Disponível em <https://telepoesis.net/brincadeiras.js>.

A incorporação do léxico específico de heterónimos de Fernando Pessoa — Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, pelo menos; mas tantos outros poderiam ser aqui adicionados — nas obras *1 Corvo Nunca + e brin cadeiras* foi uma tarefa desejada, sonhada, mas nunca nascida, por limitações técnicas da altura.

Agora, porém, com a linguagem de programação Python bem desenvolvida; com a biblioteca de processamento de linguagem natural spaCy sintonizada com a língua portuguesa; com ferramentas de edição e análise textual como as Tapor Tools; com programas variados de Inteligência Artificial, foi possível regressar ao assunto.

Assim, *É preciso dizer «Alberto | Álvaro | Bernardo | Fernando | Ricardo» em vez de dizer «Caeiro | de Campos | Soares | Pessoa | Reis»*⁵ não é, propriamente, uma obra. Nem tão pouco um *dataset*, com léxicos organizados e disponíveis. É uma abordagem, um processo, uma possibilidade de novos trabalhos criativos. No subtítulo, ironicamente, enunciam-se quantitativamente os léxicos usados, ou a usar: “Escolha um léxico: Alberto Caeiro (13310 palavras), Álvaro de Campos (39737 palavras), Bernardo Soares (150972 palavras), Fernando Pessoa (40509 palavras), Ricardo Reis (9939 palavras).”

Tratando-se, não de uma obra, mas de uma revisitação possível de todas as obras, esta nova possibilidade, este processo, pretende não só enriquecer a interatividade e a profundidade das obras que programei e ainda vou programar, mas também oferecer uma nova dimensão de compreensão e apreciação da complexidade e pluralidade de Pessoa (e dos outros autores que acabem por entrar neste ‘jogo da reescrita’).

⁵ Trabalho concebido para Pessoa 3.0 [Pessoa e Literatura Electrónica], por convite e com organização de Diego Giménez / CLP, no Porto, em 2024, que inspira este “ensaio” especulativo.

Esta possibilidade, vista como problema, suscita uma pergunta de investigação: de que forma pode um vocabulário determinado afetar a estrutura de um poema dado? Apresento a seguir algumas reflexões sobre o impacto potencial desta expansão.

Primeiro, permite aos leitores escolher entre diferentes léxicos (dos heterónimos de Pessoa ou de outros autores) para “alimentar” outros textos e outros autores, abrindo caminhos para explorar as distintas identidades e visões de mundo incorporadas por cada heterónimo e por cada autor, enriquecendo a leitura com múltiplas camadas de significado.

De seguida, oferece aos leitores a opção de selecionar léxicos específicos, passando as obras a ser um espaço de criação compartilhada, aumentando o envolvimento e a imersão, transformando a leitura num ato criativo e dinâmico. No caso específico de Pessoa, uma oportunidade para combinar heterónimos numa única obra, destacando a maestria de Pessoa para criar vozes poéticas distintas, cada uma com sua filosofia e estética próprias.

Por fim, ajuda a compreender criticamente a pluralidade de Pessoa, servindo como ferramenta pedagógica, incentivando uma compreensão mais profunda da natureza fragmentada e multifacetada da identidade e da expressão literária de Pessoa – e de todos os outros autores que ele viesse a alimentar.

Esta exploração lúdica da linguagem e das possibilidades das formas poéticas (abertas) permite revelar harmonias e dissonâncias poéticas, ampliando os horizontes estéticos e expressivos da obra de Pessoa, assim como dos autores por ele cotejados.

E porquê invocar aqui, neste título de uma não-obra, Mário Cesariny? Cesariny e “o seu” Virgem Negra? Mário Cesariny, figura central do surrealismo português, teve uma relação complexa com a obra de

Fernando Pessoa. A expressão "Virgem Negra", usada por Cesariny para referir-se a Pessoa, encapsula uma visão ambivalente que combina admiração com crítica à percepção de inacessibilidade e mistério que envolve a figura e a obra de Pessoa.

"Virgem Negra" sugere uma veneração mística, olhando Pessoa como uma entidade enigmática e poderosa, cuja obra possui profundezas ocultas e misteriosas, semelhantes à iconografia associada à Virgem Negra, na tradição cristã, que simboliza tanto pureza como conhecimento esotérico profundo. No contexto da vida e obra de Cesariny, esta designação reflete o desafio que o legado de Pessoa e a interpretação das suas obras levantam ao poeta artista.

Uma tensão, portanto, entre admiração e crítica, entre a veneração da genialidade literária de Pessoa e o desejo de o ultrapassar. Trata-se, mais uma vez, de um diálogo entre tradição e inovação na literatura portuguesa, um diálogo que ambos os autores enriqueceram com as suas contribuições únicas.

Também não sou um especialista em Cesariny, apenas um admirador e leitor. E, como tal, posso afirmar sem receios que nunca compreendi por que razão a sua obra foi tão maltratada, quase censurada. Ostracismo é um aspeto chave na vida (e pós-vida) de Cesariny: poeta para os artistas, artista para os poetas. Inapto e inepto. Tudo isso me interessa, no sentido em que motiva a sua recriação e reimaginação. Cesariny, como Pessoa, partilha com a literatura eletrónica uma atitude estética rebelde que não se encaixa em definições unívocas.

Curiosamente (ou talvez não), Pedro Barbosa, pioneiro da literatura eletrónica, programou Cesariny nas suas primeiras experiências com texto gerado por computador, há aproximadamente cinquenta anos atrás. E programou, precisamente, este "Exercício espiritual" que também aqui eu

agora invoco no título desta obra a fazer: “É preciso dizer rosa em vez de dizer ideia...”, do poeta do *Manual de Prestidigitação*, transformado em *ladainha mecânica* – “É preciso dizer motor em vez de dizer inocência” etc.

Cesariny, portanto, como o dissenso, o excesso e a deriva. Tudo isso próximo de Pessoa e próximo da literatura eletrónica (como comecei aqui por contextualizar), num espaço comum de invenção e de experimentação. A busca de Cesariny, como a de Pessoa, (e como a minha), são uma pesquisa individual, mas também um pensamento deslocado, heterogéneo e irreverente. A lúdica recriação dos códigos, a multiplicidade e a insurreição contra os poderes estabelecidos.

Conclusão

Estas possíveis intersecções entre Fernando Pessoa e literatura eletrónica tornam evidente que estamos apenas a desvendar as primeiras camadas de um território vasto e cheio de potencialidades. A obra de Pessoa, com a sua complexidade e inovação, oferece um terreno fértil para explorações na literatura eletrónica, abrindo caminhos para formas de interação textual e narrativa.

Também ao nível do arquivo temos casos muito significativos de utilização de operações de digitalização, estruturação e publicação, como é o caso do *Arquivo LdoD* (coordenado por Manuel Portela e António Rito Silva na Universidade de Coimbra), que permite colaboração na criação de edições virtuais do *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares / Fernando Pessoa.

Também as práticas de literatura eletrónica proporcionam lentes através das quais podemos reexaminar e reimaginar a obra de Pessoa, desafiando-nos a pensar sobre autoria, identidade e textualidade de modos que o próprio Pessoa, talvez, teria achado intrigantes.

Vários desafios e questões permanecem em aberto, principalmente numa era de avanços rápidos em inteligência artificial e outras tecnologias emergentes, como garantir que a essência da obra de Pessoa não se perde, mas, pelo contrário, é ampliada e recontextualizada.

Esta série de Seminários, Pessoa 3.0, tomaram em consideração questões que reposicionam Pessoa e a sua obra, face aos Arquivos Digitais; ao Copy & Paste e à Inteligência Artificial; ao Multiverso; à Performance; e à Pós-verdade.

No meu caso, Pessoa e a Literatura Eletrónica, tentei deixar um convite à experimentação, à reflexão e ao debate, mas em sintonia com esta proposta global: que possamos continuar a explorar as fronteiras fluidas e fascinantes do legado de Pessoa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Pedro. *A literatura cibernética 1. Autopoemas gerados por computador*. Porto: Edições Árvore, 1977.

CAMPOS, Haroldo de. *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe: margindlia fáustica (leitura do poema acompanhada da transcrição em português das duas cenas finais da Segunda Parte)*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GOMES, Maria dos Prazeres. *Outrora agora. Relações dialógicas na poesia portuguesa de invenção*. São Paulo: EDUC, 1993.

HELDER, Herberto. "Memória, montagem." Prefácio. In: *Cobra*. Lisboa: & Etc, 1977, p. 9-15.

MOURÃO, José Augusto. A escrita electrónica: o Poemário de Rui Torres. In: SOARES DA SILVA, Augusto; MARTINS, José Cândido; MAGALHÃES, Luísa; GONÇALVES, Miguel (org.). *Comunicação, Cognição e Media, volumes 1 e 2*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa / ALETHEIA – Associação Científica e Cultural, 2010, p. 765-778. Disponível em: https://telepoesis.net/papers/jam_2010.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

TORRES, Rui. Ler Clarice Lispector, re-escrevendo Amor. In: TOSCANO, Ana; GODSLAND, Shelly (ed.). *Mulheres más: percepção e representações da mulher transgressora no mundo luso-hispânico*. Porto: Editora Universidade Fernando Pessoa, 2004, p. 269-282. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10284/3458>. Acesso em: 10 jun. 2024.

NOTAS DE AUTORIA

Rui Torres (rtorres@ufp.edu.pt): Estudou ciências da comunicação, línguas e literaturas românicas, semiótica e comunicação, analisando atualmente, na sua prática pedagógica e criativa, o modo como essas áreas se cruzam e transformam com os meios digitais. Professor catedrático na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, no Porto, fez agregação em Ciências da Informação – Estudos Multimidiáticos, e tem atuado como professor convidado em várias Universidades, em Portugal e no estrangeiro. É membro integrado do Grupo Cultura, Mediação e Artes do ICNOVA – Instituto de Comunicação da NOVA e colabora com o Grupo Mediação Digital e Materialidades da Literatura do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. Faz parte do Board of Directors da ELO – Electronic Literature Organization. Coordena a coleção de livros *Cibertextualidades* (Publicações FFP) e é coeditor da *Electronic Literature Series* (Bloomsbury Publishing). É o coordenador do Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa (www-po-ex.net) e investigador do projeto FICTRANS – Transmedialización e Hibridación de Ficción y no Ficción en la Cultura Mediática Contemporánea, na Universidade de Granada, Espanha. As suas publicações e trabalhos criativos de literatura eletrónica estão disponíveis em www.telepoesis.net.

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

TORRES, Rui. A Comunicação Poética na Era Digital: Pessoa e a Literatura Eletrónica. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 70-85, 2024.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 10 jun. 2024

Aprovado em: 1º out. 2024